

O REGIME DA ESTETICIDADE EM FREIRE

Para uma pedagogia imaginal na arte da História tecida em retalhos

Margaréte May Berkenbrock-Rosito (UNICID) – margaretemay@ajato.com.br

RESUMO: A Educação Estética na formação de professores e pesquisadores, nos programas de Pós Graduação, no nível de Mestrado, é o objeto de reflexão neste artigo. São consideradas as histórias e vivências de cada participante na atividade Colcha de Retalhos, proposta no período de 2002-2008, no Curso de Pedagogia e programa de Pós Graduação, Mestrado em Educação e Mestrado em Bioética na cidade de São Paulo. Tendo referencial teórico Freire em diálogo com Jung, Hillman este estudo contribui para a ampliação do conceito de Educação Estética na formação de professores e pesquisadores e, como pressuposto, exhibe a possibilidade de teorização, por parte do professor, a partir da pesquisa de sua própria prática.

Palavras-Chave: Formação de professores; História de Vida; Pedagogia Imaginal; Estética

ABSTRACT: The focus of reflexion of this article is the Esthetic Education in the formation of teachers and researchers at the level of Post Graduation - Master Degree Programs. The histories and living experiences of each participant of the Kilt Exercise have been considered, as proposed in the timeline of 2002 to 2008, at the Pedagogy Graduation programs as well as in the Post Graduation and Mater Degree programs in Education and Master Degree program in Bioethics in São Paulo city. Having this theoretical background in Freire in a dialog with Jung and Hillman this study contributes to the enhance of the concept of Esthetic Education in the formation of teachers and researchers and as an assumption shows the possibility of theorization by the teachers based on the research of their own daily practices.

Key words: Teachers formation; History of life; Imaginative pedagogy; Esthetics

Debates em Educação

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a instauração de uma reflexão sobre a relevância da Educação Estética no processo de formação de professores e pesquisadores.

Esta reflexão fundamenta-se na experiência adquirida no Curso de Pedagogia e nos programas de Pós Graduação, Mestrado em Educação e Mestrado em Bioética, realizados na cidade de São Paulo, entre 2002 e 2008, considerando-se, sobretudo, as histórias e vivências de cada participante na atividade Colcha de Retalhos.

Desde 2002, nos cursos de graduação do Curso de Pedagogia e Pós-graduação, Mestrado em Educação e Mestrado em Bioética, desenvolvo uma estratégia que permite ao professor teorizar, a partir da pesquisa de sua própria prática, reconstruindo sua história de vida pela narrativa escrita, oral e pictórica. Trata-se da pesquisa e da Educação Estética, visando à formação humana de professores, possibilitando a reflexão sobre a vida, a formação, a auto-formação. É uma pesquisa autobiográfica e do imaginário, centrada na busca da autoria de ser pesquisador e professor.

Esta pesquisa visa à possibilidade de o professor fazer emergir Histórias guardadas e esquecidas, Memórias potencializadas, lembranças que poderão evocar o contato com o pólo criador, inventivo, aventureiro do humano, que tem ligação com o imaginário e o princípio da autoria – exercício fundamental para sua jornada de ensinar e aprender.

A reflexão coloca uma infinidade de questões sobre os pressupostos e a importância da Educação Estética na formação dos professores, ao contemplar a narrativa autobiográfica. Uma primeira observação a se fazer diz respeito à própria montagem desse painel, que pode se refletir no conteúdo deste texto, em particular, sobre a possibilidade de autoria de ser pesquisador e professor.

Como apoio teórico, recorre-se a Paulo Freire, sobretudo, no que se refere ao processo de conscientização de ser histórico e inacabado e à possibilidade de aprender a pensar a partir do vivido; há ainda referências sobre o alcance da Educação Estética no desenvolvimento da criatividade como prática da arte de narrar as histórias de si. O

Debates em Educação

método de História de Vida, na abordagem do paradigma experiencial, na perspectiva de Josso (2002) foi também utilizado, como apoio teórico.

O estudo aponta para Pedagogia Imaginal, uma aquisição de saber pela experiência imaginativa para pensar a formação no campo das imagens, como o lugar das metáforas nas autobiografias e a estética na fruição da autoria. Esse processo aponta para a aproximação de Freire (1992; 1997), Hillman (1995, 1997) e Alschuler (2008). Eles estabelecem uma relação do processo de conscientização em Freire e o processo de individuação em Jung, apostando na construção de metodologias não-convencionais a partir da reconstrução da história passada na história presente.

Este estudo é relevante porque contribui para a percepção de que o sentido da História está na compreensão do movimento de como esta história é construída. Há a indicação da visão de mundo, da qual nem sempre temos consciência, sobre a direção para a qual isso vai nos levar. Surge um questionamento: até que ponto somos sujeitos de nossas ações e do papel que queremos e podemos desempenhar na História?

Surge um convite para pensar a estética e para pensar a ética, para pensar a moral na formação de professores e pesquisadores. Pensar o religar os aspectos das relações sociais, políticas e culturais nas dimensões macro e micro, construir pontes de sentidos entre a experiência do conhecimento científico do mundo interno e externo dos sujeitos, além de considerar as possibilidades/limites da formação de professores como cidadãos críticos.

A perspectiva freireana e outras perspectivas

A concepção de educação, na perspectiva freireana, fundamenta a proposta da Colcha de Retalhos: aposta que o sujeito vai construindo seus valores estéticos, à medida que desenvolve a sua autonomia: capacidade de reflexão, escolha e crítica, o que envolve a ética e a moral em todo o processo de formação estética.

A conscientização é um tema caro na teoria (método) de Freire, a tomada de consciência é a abertura necessária na passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, como processo de conscientização de ser e estar no mundo. Esse

Debates em Educação

processo compreende ler a realidade social, cultural, econômica, política em transformação permanente, pensar os desdobramentos dessa reflexão na constituição do sujeito singular e se reconhecer como sujeito da história.

O conceito de consciência crítica em Freire parte da compreensão de ser e estar no mundo, ser de relações, finito, inacabado, capaz de transcendência. A leitura do mundo transcende o dado da realidade, consegue ultrapassar os momentos e situações que aprisionam a subjetividade.

A conscientização como processo de superação da cultura do opressor instalada no oprimido é reforçada pela pedagogia bancária dos dominantes. Na metáfora da Tábula Rasa, o sujeito é concebido como um recipiente onde são transmitidos e encarnados conteúdos e valores da realidade do opressor.

A consciência ingênua toma para si valores que impedem o desenvolvimento da criatividade, autonomia e emancipação presentes no processo de autoria, mergulhar em sua história de vida pode ser um caminho de libertação das imagens que aprisionam a subjetividade.

Em Jung, o inconsciente expressa-se por imagens de sombra e luz, que, portadores de criatividade, ativam significados simbólicos, libertando o homem da alienação de si mesmo. Alschuler (2008) aplicou idéias da psicologia profunda de Jung para compreender a categoria de oprimido em Freire através da autobiografia, como um novo caminho de libertação da opressão política em nosso tempo.

A dimensão político-cultural da Colcha de Retalhos baseia-se nas palavras de Freire: “Só uma pessoa transformada é capaz de transformar”, passando da consciência ingênua para a consciência crítica. Como sujeito aprendente, o professor deixa de ser apenas consumidor de teorias para tornar-se produtor, rumo à sua autonomia e emancipação, na contramão da divisão social do trabalho, onde uns pensam e outros fazem.

Como diz Paulo Freire, não basta denunciar práticas e processos formativos que levam à desumanização do homem. É preciso anunciar um caminho. Se desejarmos cidadãos engajados, se almejarmos a autonomia e a emancipação dos sujeitos, o processo de formação precisa oferecer estruturas coerentes com esse tipo

Debates em Educação

de formação. A história tecida em retalhos é o anúncio de uma estrutura humanizante, na contramão de uma “Educação Bancária”, que abandona as imagens e os conceitos, que descomprometida com a realidade concreta, desumaniza os sujeitos que dela participam.

O legado de Paulo Freire nos inspira a compreensão da humanização do ser humano, como processo de conscientização de ser histórico e inacabado. Ele nos inspira, ainda, a aprender a pensar a partir do vivido: retomar a trajetória pessoal e profissional para ampliar o alcance da Educação Estética aos educadores como processo de desenvolvimento da criatividade como prática da arte.

Como aponta Casali (2009) a teoria de Paulo Freire nasceu no Nordeste brasileiro onde a vida humana era e continua sendo negada neste país. Freire propõe uma ética pedagógica que é uma ética da vida: converter a vida negada em vida afirmada. Na perspectiva de Freire, em toda a sua obra, sempre se toma, como referência, a própria história e experiência vivida. Nesse sentido, considerar a pesquisa (auto) biográfica e a História de Vida nos processos formativos e educativos, tem a ver com valorização à posição ética, em favor da vida.

Em Freire a estética é tudo. A estética emerge como sustentáculo e legitimidade dos atos de ensinar, aprender e formar, abrindo-se à liberdade, à responsabilidade, à autonomia, à criatividade na contramão de processos autoritários. Pois, em Freire ensinar, aprender e formar significa transformação.

Tendo a matriz conceitual de Estética, em Freire, há a preocupação com um regime de esteticidade, formando o seguinte encadeamento: Educação Estética que tem a arte, como processo de conhecimento: conhecer no campo das imagens, da esteticidade, como base em um olhar de mundo, em uma percepção, chegando à estética, como meta, passando por juízos de valor e gestos de urbanidade e humanidade para transformar em pedagogia imaginal, pois, em Freire, a estética é uma pedagogia.

A percepção de sentidos da História se dá no movimento de compreensão de como o sujeito tece a história. A teoria nasce na história do sujeito e este a reproduz e

Debates em Educação

a reconhece na história tecida em retalhos. A partir dessa provocação, abre-se para a formação no campo das imagens.

A reconstituição da História de Vida é uma obra de arte. A arte é compreendida no processo de narrar a história de nós mesmos, tecida na história da sociedade brasileira e do mundo, um saber que desvela a dimensão histórica da vida singular e particular dos sujeitos tecida na pluralidade. A formação estética consiste na reconstituição da história que nos habita.

A jornada interpretativa move e rompe com uma visão de mundo, abre-se para o inédito, a novidade, outros sonhos, outras fantasias, levando a sério a história humana, nas imagens alegres, tristes, brincantes, curiosas, inteligentes, oprimidas, solitárias, medrosas, tímidas, conteúdos que podem ter sua compreensão intensificada no campo da sensibilidade que articulam pesquisa e ensino: retomando a trajetória pessoal e profissional para ampliar a concepção de Educação Estética como possibilidade de habitar uma imagem que renascerá em uma forma de ser sujeito de sua própria história.

A qualidade da formação não está na pessoa do sujeito, mas na relação. Na percepção dos sentidos como fruição das imagens que emergem do vivido, no processo de conscientização da experiência vivida de sujeito da história, na articulação com o ser construído historicamente, na relação consigo mesmo, com o outro e com o contexto, regional, planetário e universal.

A Educação Estética tal como a compreendemos, neste estudo, tem como eixo o papel da experiência na composição de autoria dos sujeitos. A formação de professores, regida pela lógica do pensamento simplificado não possibilita tomar consciência do paradigma da complexidade do Ser humano, pois elimina o sujeito em nome da objetividade científica.

Interpretar é libertar-se da objetividade científica, recuperar o sentido da historicidade da existência, para repensar a metáfora Tábula Rasa, no repensar a experiência na formação estética construída nas histórias que contam de mim e que conto de mim.

Debates em Educação

A memória é a configuração da experiência vivida. Tecer imagens em retalhos, ajuda a puxar o fio da memória e acionar um caminho de retorno. Com a história que ganha visibilidade nos retalhos tramados, uma linha tênue pode ser esboçada entre passado e presente, constituindo um centro depositário de memórias, ao redor do qual a transformação do vivido configura-se em experiência, quando se tece à mão a imagem, trazendo para fora o dentro de si.

Lembrar é função da memória, diz Pino (2008, p.82), é a capacidade de registrar uma experiência e relacionar um evento do passado com um evento do presente (Japiassú, 1993, p.164). Pino (2008) salienta que “lembrar não é função exclusiva do homem.” “Um animal é capaz de reconhecer lugares, fontes de alimentação. Ele reconhece e pronto. O que se pode querer saber é que mecanismos bio-neurológicos tornam isso possível.” (PINO, 2008, p.84).

Para Aristóteles, é da memória que os homens derivam a experiência, mas as lembranças proporcionam uma experiência singular. (In: Japiassú, 1991, p.164). A singularidade dos retalhos da vida é a construção de um olhar particular, subjetivo e não objetivo, condizente com a abordagem fenomenológica-hermenêutica, cada um constrói os sentidos e significados para o seu mundo vivido.

A Pedagogia Imaginal como Narrativa

Pedagogia Imaginal é uma pedagogia narrativa, um espaço múltiplo. Relaciona-se a “Ficar com a imagem” e ao questionamento: O que a imagem quer de mim? Vincula-se a lembranças, sentimentos, imaginação, elementos que possam ser acolhidos. Aposta na arte de fazer e narrar história dos próprios sujeitos. As imagens compõem a história, o jogo metafórico, elas estimulam o imaginário e a experiência provocadora da sensibilidade.

A Pedagogia Imaginal compreende uma Pedagogia Narrativa para nomear o trabalho com a Colcha de Retalhos, a partir do diálogo com a Psicologia Imaginal. Quintaes (2009), Fiamenghi(2009), Rodrigues (2009), Scandiucci (2009), membros do Grupo Himma, compreendem a Psicologia Imaginal, a partir do legado de Jung

Debates em Educação

“ficar com a imagem” e da Psicologia arquetípica de Hillman, como ética da imagem. Essa é uma psicologia politeísta, porque se refere à dissociabilidade inerente à psique e a consciência em múltiplas figuras e centros. (Hillman, 1995)

A formação pelas relações é o conceito de formação neste trabalho da Colcha de Retalhos, no campo das imagens. A singularidade do sujeito é uma composição de imagens: personagens, entidades, ilhas de consciências, fantasias (Jung, 2000), fantasmas (Lacan, 1986). As imagens são personagens que movem as cenas imaginativas e influenciando a pessoa humana como sujeito de relações.

Podemos observar uma relação com os significados do termo **pessoa**, que tem origem no grego *personare*, que significa as máscaras dos artistas e a possibilidade de amplificação da voz. Uma outra origem para o termo vem do etrusco *persu* e significa gente com máscara. No direito Romano, por exemplo, pessoa significava o papel de partitura distribuído a um ator na vida jurídica: *personam habere* quer dizer representar um papel, ter uma obrigação, uma função previamente determinada pela ordem do cosmos, pela *physis*. Tomás de Aquino cria o neologismo para explicar a distinção de “pessoa humana” e “pessoa divina”. Isto contribuiu para acabar com as diferenças entre os seres humanos e marcar a diferença entre seres humanos e Deus. (Buglione, 2005, p.101)

O processo de individuação é o modo singular e particular de cada um fazer a relação com a autoria. A relação com as memórias de crianças, adolescentes e adulto são fontes de potencialidade de criatividade no desenvolvimento da autoria. É da condição da pessoa humana inventar e reinventar. A autoria é uma invenção cultural. Para Jung a criatividade é um instinto da natureza humana enraizada no inconsciente coletivo, mistério criador, capaz de transcender.

Eis aqui um território delicado, um terreno movediço, entre cultura e natureza humanas. Elas tornam-se complexas, tratando-se de uma complexidade na trama da autoria. Isso ocorre porque o homem produz/inventa cultura dada à condição de sua natureza humana, fazendo com que uma invenção cultural adquira o sentido de natureza humana. Aquilo que é da cultura quando é naturalizado perde o sentido da coexistência da cultura e natureza como fundamentos da pessoa humana.

Debates em Educação

As incursões na História de Vida são referências de abertura para dialogar com seu mistério. De outro modo, fazendo uma leitura da mitologia, a autoria é símbolo de mistério, da novidade e renovação. Formar é mitologizar, na perspectiva de Hillman, é um modo de enfrentar a angústia original do viver, da morte e da ressurreição nas práticas de formação, é a construção da identidade, é a reinvenção da subjetividade, é a abertura para um novo modo de caminhar, a formação é um processo humano de resistência, astúcia, abandono, luto.

A perspectiva de Ferreira-Santos (2004) e Ortiz-Osés (1989) tem, como proposta, desvelar o mito pessoal que emerge na narrativa escrita, oral e pictórica na história tecida em retalhos de cada um. Os mitos são narrativas que estimulam a tomada de consciência do percurso auto-biográfico, um estudo antropológico-educacional, que consiste em uma hermenêutica compreensiva da formação estética.

Como diz Piaget (1969): [...] “Meu mestre Janet já dizia que a reflexão interior constitui uma conduta social interiorizada: uma discussão ou deliberação consigo mesmo”. Janet, também mestre de Jung, deixa o legado da compreensão da multiplicidade de consciências que habitam o sujeito.

A Pedagogia Imaginal assume uma estética das imagens fundadas nos princípios de circularidade e articulação. É uma perspectiva de formação estética, como campo das imagens, que consiste no processo de formar pelo pensamento analógico. É o lugar das metáforas e não terá a preocupação com a teoria ou conceitos, em si mesmos. Ler as metáforas da composição da narrativa mítica de vida, morte e ressurreição, atinge a percepção da presença da linguagem poética na realidade visível e invisível, dizível e indizível para compreender o mistério que cada ser humano é, refere-se a algo dentro de nós.

As imagens não se esgotam nas sensações e percepções das emoções. A tomada de consciência do que se sente é uma experiência estética. De forma análoga, a razão produz um saber, um conhecimento da representação da sensibilidade. A estética é a história da sensibilidade, do imaginário e dos discursos que procuram valorizar o conhecimento de sensibilidade, dito inferior, na civilização ocidental, ao conhecimento racional.

Debates em Educação

Do retalho-história feito à mão, aproximam-se polos culturalmente desconectados e essenciais para nossa vida pessoal e profissional – razão e emoção, cognição e afeto, consciência e inconsciente, singular e coletivo. Provocam-se conteúdos que podem ter sua compreensão intensificada no campo da sensibilidade. A história, tecida na imagem elaborada em retalhos, constituindo um centro depositário de memórias, ao redor do qual se torna possível aparecimento de imagens talvez alegres, tristes, brincantes, curiosas, inteligentes, oprimidas, solitárias, medrosas, tímidas.

A Colcha de Retalhos como metáfora é a possibilidade de transformação da verdade literal em literária. A narrativa autobiográfica, nas dimensões da escrita, oral e pictórica, permite passar da literalização para a literatura; o sujeito-autor unindo ficção e não-ficção transforma os temas da vida, o seu presente em suas imagens-lembranças de morte, amor, traição, doenças, culpas, desânimo, todas as dores do existir em temas literários, resgatando a história de vida, já que a autobiografia aponta para o fato do que algo pode ser construído ou reconstruído.

A esperança, outra palavra da ética, como diz Freire (1992) é estética da imagem, como um momento de arrebatamento, quando tudo faz sentido. A transcendência, a abertura à força evocativa das metáforas e símbolos, como consciência de estar no mundo e de sentido à vida que continuamente se perde, é capaz de reanimar e de propiciar o repensar a relação do homem consigo mesmo, com o outro e com contexto.

Pedagogia Narrativa

Como é possível fazer essa formação pelo pensamento analógico? Narrar a nossa trajetória é um processo criativo de produzir histórias sobre nós mesmos, desvela-se a autoria oculta presente-esquecida, no adulto, que precisa de atenção. Assim, é essencial que o pesquisador e o professor reconheçam e cuidem desta autoria que lhes habita.

As narrativas (auto) biográficas visam articular novos conhecimentos, a partir da experiência do professor, oportunizando-lhe, como sujeito aprendente, a construir

Debates em Educação

teorias significativas e contextualizadas. A autoria vai se desvelando, à medida que significados emergem de cada narrativa como enigmas a serem decifrados.

Os alunos são convidados a descrever três cenas marcantes da Educação Básica ou do Ensino Superior, apontando sua relação com o conhecimento: Qual a relação com o professor? De autoria ou submissão? Que aluno fui?

Em seguida, elaboram o “Quadro Linha da Vida”, com as categorias de tempo e espaço: vida familiar, escolar, acadêmica, profissional, amorosa, pessoas, livros, filmes, romances, deslocamentos geográficos. Faz-se um mapeamento dos divisores de água – o “antes” e “depois” daquele acontecimento. A seguir, a descrição das descobertas e reflexões sobre o que e como aprenderam. O objetivo é compreender como o sujeito conhece e qual o impacto das aprendizagens na formação social, profissional e pessoal.

Os alunos assistem ao filme *Colcha de Retalhos* (*How to make an American quilt*, by Mocolin Moorhouse, EUA, 1995). Neste filme, há uma narrativa que evoca lembranças, com metáforas significativas para o desenvolvimento do pensamento analógico. Morangos significam sedução, o vento parece apontar tempos de transformação, o mergulho, movimentos e fontes formativas, a colcha, a harmonia e a riqueza dos diferentes retalhos e singularidade dos processos criativos.

A narrativa escrita dos alunos transforma-se em uma imagem-pictórica no retalho, contada oralmente para o grupo. Em seguida, a feitura coletiva – costurar os retalhos, para formar a Colcha de Retalhos e a apreciação da obra de arte. Os retalhos costurados não dissipam a singularidade de cada história e seus autores, agora como espectadores, observam cenas e lugares de onde jorram as cenas de autoria.

Josso (2002) observa que o método da História de Vida possibilita “momentos charneiras, divisores de água”, quando ocorre uma transformação e mudanças de referenciais de vida, “movimento para uma compreensão que libera criatividade em nossos contextos de mutação sociais e culturais.” (Josso, 2008, p. 25)

Debates em Educação

A arte na formação estética de professores

Freire tinha uma ideia os sujeitos são capazes de fazer cultura, à medida que criam. Assim, iniciava o seu trabalho, apontando situações que mostram que todos nós estamos cercados por objetos, que são coisas feitas pelo homem e coisas que não são feitas pelo homem. As coisas, objetos feitos pelo homem, significam cultura, aquelas que não são feitas pelo homem significam natureza.

O homem cria a cultura. Ele cria a relação com o diferente, entre aquilo que é considerado “superior” e “inferior”, que não é algo natural. Tal atitude vincula-se às relações de poder. As categorias de bom e mau, de belo e feio são criações da subjetividade. Quando se menciona o termo “subjetividade”, refere-se ao homem como criador de cultura e, ao mesmo tempo, por ela produzido.

A formação distante da arte e da estética desvela o embrutecimento da sensibilidade e a relação entre as pessoas. A arte de narrar experiências envolve um pressuposto epistemológico, emerge do processo criativo, o extraordinário do homem ordinário.

A formação estética abre inúmeros sentidos e espaços em que habita o ser poético, presente-escondido nos processos formativos de, revelando características peculiares, como conscientização, libertação, inter-subjetividade e abertura.

Adorno (1970) entende que uma das tarefas da estética é refletir como cada obra reflete o todo social. “O facto de as obras de arte dizerem alguma coisa e no instante a ocultarem coloca o carácter enigmático sob o aspecto da linguagem” (p.157). O prazer da fruição não é o mesmo prazer proporcionado pela indústria cultural, sinónimo de diversão, relaxamento, distração. Prazer é o autoconhecimento que a obra proporciona.

Jung (2000), Durand (1993), Hilmann (1995; 1997) propõem levar a poética para os estudos científicos. Para Bachelard (1988), “a poética teria uma lógica diferente do científico”. Fica a dúvida em relação ao campo da poética: não conseguimos fazer avançar o conhecimento sem a necessária aridez dos conceitos.

Debates em Educação

Para Durand (1993), o problema não é a impossibilidade de narrar o conhecimento de forma poética, mas nosso modo positivista de pensar, uma vez que a academia varreu as imagens e os conceitos no processo de formação e produção de conhecimento. A dimensão estética na educação foi cortada com a expulsão dos jesuítas. O fechamento de cada curso (disciplina) requeria uma obra de arte. A arte poderia ser uma carta para o púlpito, uma peça de teatro em latim e tupi-guarani, o que requer rigor e conhecimento.

A academia é positivista, ao não aceitar a poética, a não ser como apêndice ou epígrafe. É elitista, ao dificultar o acesso ao saber, considerando como imprópria uma linguagem literária. É evolucionista, ao enxergar na educação jesuítica tão somente brutalidade, dogmatismo e aridez do deserto.

A pesquisa da própria experiência ao transformar a narrativa escrita em imagem-pictórica possibilita reviver a história da origem da escrita e comunicação de idéias da humanidade, permite relacionar e incluir a história passada na história presente, levando a sério a história humana.

Há aqui uma questão relevante: a pessoa tem, ou não, a potencialidade de protagonizar sua autonomia como sujeito. Esta possibilidade deslocaria a discussão para algumas direções: que sujeito é este, diante da vulnerabilidade da identidade corporal? Que sujeito é este, diante do argumento midiático da eterna juventude que, obviamente, não corresponde à identidade real, desfrutada pelo sujeito, aprisionado à imagem dos corpos jovens e sarados?

Nessa linha, o sujeito pode expressar-se no vir a *Ser Mais* ou no vir a “ser menos”. Por outro viés argumentativo da mídia, a lógica da representação do físico, separa a mente do corpo, surgindo a fragmentação: rostos e troncos sem cérebros; cérebros sem rostos e sem troncos, corpos sem rostos e sem cérebros. Nesses casos, na discussão da autonomia e da liberdade, é relevante a afirmação de que o sujeito não seria um sujeito autônomo, mas um sujeito alienado como um objeto desfigurado, porque a valoração mercadológica do ser humano é atribuída, com mais ou menos intensidade, a quem tem poder de consumo.

Debates em Educação

O conceito de “pessoa como ser de autonomia” aponta para uma situação de abertura para o mundo antropológico-educacional, mas também para um lugar das indefinições dos espaços de autonomia humana. Neste contexto, encontram-se os desafios da vulnerabilidade do corpo, as implicações do “vir- a- ser” daquele que sofre as marcas do tempo. O tempo é juízo das incertezas humanas. A pessoa como ser de corporeidade passa do desejo ao não-desejo, do não-desejo ao desejo, da independência à dependência de aparelhos ou medicamentos como recurso de sobrevivência à doença: Mal de Parkinson, Câncer, Mal de Alzheimer, Esquizofrenia e outras doenças mentais que interferem na memória do eu.

Afirmar a autonomia, a partir de sua negação, significa que não se trata de afirmar que a autonomia não é própria da pessoa, mas a autonomia está na relação entre pessoas e objetos (Fabri dos Anjos, 2005, p.326). Centrar o debate da autonomia, como relações, não é determinante para compreender o que está diante dos olhos: o Ser humano é um esquecimento da contemporaneidade. Apenas SER, é a ordem. Ser *light*, Ser *vip* ou Ser celebridade a qualquer custo. No Ser *fashion*, a superficialidade hegemônica do pensamento inviabiliza e reduz o exercício da autonomia.

A complexidade do termo pessoa se explica porque este vocábulo não se refere a um dado natural. A pessoa é uma categoria moral, ética, estética, política, ideológica e de poder. Da mesma forma, o adjetivo “humano” está baseado na vida que é um valor ético, um valor supremo, fundamento de qualquer outro valor.

Estabelecem-se estreitas relações entre os termos autonomia, autoria, conscientização e sujeito. Os estudos teóricos sobre as narrativas autobiográficas demonstram que elas são importantes no processo da construção dos sujeitos. Ser sujeito vincula-se à saúde psíquica e, conseqüentemente, à saúde física dos indivíduos.

CONCLUSÃO

Um trabalho foi realizado no Curso de Pedagogia e nos programas de Pós Graduação, Mestrado em Educação e Mestrado em Bioética, na cidade de São Paulo,

Debates em Educação

entre 2002 e 2008, considerando-se, sobretudo, as histórias e vivências de cada participante na atividade Colcha de Retalhos.

A partir daí, conclui-se que o objetivo deste trabalho foi cumprido. Investigou-se a possibilidade de transformação de professores, a partir da Educação Estética e concluiu-se a eficácia desta estratégia. A Educação Estética, neste caso, visou à formação humana de professores, possibilitando a reflexão sobre a vida, a formação, a auto-formação. Foi uma pesquisa autobiográfica e do imaginário, centrada na busca da autoria de ser pesquisador e professor.

Percebeu-se que é possível aprender a pensar a partir do vivido, isto é, retomar a trajetória pessoal e profissional para ampliar o alcance da Educação Estética aos educadores como processo de desenvolvimento da criatividade como prática da arte.

A concepção de Paulo Freire de que o ser humano é inacabado e histórico, além de constituir-se como ser imagético, que se constrói e reconstrói, a partir da memória e das imagens que consome foi um pressuposto fundamental para que essa reflexão fosse realizada. Porque os homens são seres incompletos, inconclusos e inacabados em busca de *ser mais*, existe a luta pela superação das razões econômicas e instrumentais que regem o mundo globalizado, torna-se um desafio formar para a autonomia e autoria no contexto da cultura “líquida”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Lisboa, Edições 70, 1970.

ALSCHULER, Lawrence R. **The Psychopolitics of Liberation. Political Consciousness from a Jungian perspective**. Estados Unidos, Palgrave, Macmillan, 2008

BACHELARD, Gastón. **A Poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988

BUGLIONE, Samantha. A arena moderna e os consensos possíveis: um breve debate sobre pessoa, vida-morte e liberdade no caso da anencefalia. In: LOYOLA, Maria Andréa (Organizadora). **Bioética: reprodução e gênero na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP; Brasília: LetrasLivres, 2005, p. 81-92

Debates em Educação

CASALI, Alípio. O legado de Paulo Freire para a pesquisa (auto) biográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.) **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal/ RN, Editora da UFRN, São Paulo, Paulus Editora, 2008.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica** (6ª ed.). Lisboa/Portugal, edições 70, 1993
FIAMENGHI, Aline; RODRIGUES, Santana. SCANDIUCCI, Guilherme. Por uma Clínica Imagina: quem fala em nós? **Anales del V Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana**, Chile, setembro, 2009, p.219-220

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo, Veja-Passagens, 1992

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Esperança; um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992

_____. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997

HILLMAN, James. **An inquiry of image**. Connecticut: Spring, 1997

_____. **Psicologia arquetípica: Um breve relato**. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002

JUNG, Gustav Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LACAN, Jacques. Lê semaille, livre VII. **L'éthique de la psychanalyse**. Paris:Seuil, 1986

ORTIZ-OSÉS, Andrés. Hermenêutica posexistencial. In: MAILLARD & GUERVÓS (eds). **Estética e Hermenêutica. Contrastes Revista Interdisciplinar de Filosofia**, suplemento 48, 2003a

PALMER, R. **Hermenêutica**.Lisboa: Edições 70, 1969 p. 225

PIAGET, Jean. **Sabedoria das Ilusões**. Coleção os Pensadores, 1969

PINO, Angel. Memória e Estética. In: SCHLINDWEIN, Luciane e SIRGADO, Angel Pino. **Estética e Pesquisa: Formação de Professores**. Itajaí: Editora UNIVALI e Editora Maria do Cais, 2006 (Coleção Plurais Educacionai)

Debates em Educação

QUINTAES, Marcus (2009). Palavras ou Pílulas? Entre a Medicalização Da Vida e a Aposta no Inconsciente. **Anales del V Congreso Latinoamericano de Psicología Junguiana**, Chile, setembro, 2009, p. 409-410